

A CRÔNICA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA: TENSÃO CRÍTICA EM “NORDESTINAS”, DE RICARDO RAMOS¹

Prof. Dr. Aroldo José Abreu Pintoⁱ (UNEMAT)

Resumo:

Este trabalho propõe-se a analisar a crônica “Nordestinas”, de Ricardo Ramos, publicada no Jornal Folha da Tarde em 1985. O objetivo é dar conta do modo de representação e do conteúdo representado nesta crônica, a luz de alguns dos pressupostos da teoria literária, considerando o arranjo particular da crônica brasileira contemporânea. Mais pontualmente, vislumbramos destacar um modo característico de representação da realidade engendrada por Ricardo Ramos, redundando numa forma de comunicação intensa que reflete a experiência humana e nela se organiza mediada pela linguagem.

Palavras-chave: crônica, Ricardo Ramos, literatura contemporânea, criticidade.

Antes de iniciar quaisquer reflexões mais pontuais sobre a crônica “Nordestinas”, de Ricardo Ramos, publicada no Jornal *Folha da Tarde* em 1985, vale lembrar o também cronista Lourenço Diaféria (*apud* MELO, 2003, p. 162) para quem a “função da crônica é explodir, é não deixar a peteca cair, é acordar as pessoas que estão dormindo de olho aberto, e gritar”. Tomamos a citação inicial de Diaféria porque acreditamos que muito do que apontaremos a seguir sobre a crônica de Ricardo Ramos perpassa por essa necessidade de “gritar” em significação ou ainda, nas palavras do mesmo Diaféria, passa por uma necessidade de “mostrar o outro lado de tudo – dos palanques, das torres, dos eclipses, das enchentes, dos barracos, do poder e da majestade” (DIAFÉRIA *apud* MELO, 2003, p. 162). Analogamente, Ricardo Ramos deixa sempre em seu texto uma série de perguntas ao leitor. Este necessita estar atento ao não-dito, mas apreendido por uma leitura mais cuidadosa de partes ou do todo dos textos ficcionais de Ramos, pois “a crônica existe para dar credulidade aos jornais, saturados de notícias reais demais para ser levadas a sério”, continua Diaféria, para concluir com brilhantismo que a crônica não faria parte dos periódicos por “condescendência”, mas porque reúne em si os contrários de um jornal: “a lágrima, o sorriso, o aceno, a emoção, o berro, que não têm estrutura para se infiltrar como notícia, reportagem, editorial, comentário ou anúncio publicitário” (DIAFÉRIA *apud* MELO, 2003, p. 162), mas que também é um pouco de tudo isso, conforme buscaremos demonstrar em “Nordestinas”.

O trabalho ora proposto, portanto, busca refletir de maneira ampla sobre as intersecções entre arte e comunicação. Mais pontualmente, nosso intuito é destacar o arranjo particular da crônica brasileira contemporânea, pois entre nós, como sabemos, a crônica jornalística/estético-literária tomou uma feição que, em seu modo de representação todo particular, agrega ao mesmo tempo o emocional, o paradoxal, o ambíguo, o irônico, o alusivo, o imaginativo, o metafórico, mas também nos remete ao referencial, ao consequentemente descrito ou carrega em si uma familiar ligação com a história, a sociologia, a antropologia ou outras áreas do conhecimento pelo seu conteúdo representado. Portanto, na linha estreita entre o cognoscitivo e a sua manifestação como uma estrutura de significados autônoma – característica do discurso literário – a crônica apresenta-

¹ Projeto “Organização do Acervo de Ricardo Ramos: segunda etapa”, financiado pela UNEMAT/PRPPG (2010-2012) e Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq – Brasil. O trabalho que aqui apresentamos trata-se de uma extensão do capítulo Literatura e comunicação: as “Nordestinas” na capital, publicada na obra *Arte e Comunicação em um mundo fungível* (São Paulo: Arte e Ciência, 2011).

se como um modo de comunicação intenso, que reflete a experiência humana e nela se organiza mediada pela linguagem. Em outras palavras ainda, analogias, relações, intervenções e conflitos de valores em diversos planos – graças à organização e ao exercício de composição específico – imprimem à crônica um conjunto de traços particularizantes que, em seu processo de percepção e interpretação da realidade, nos permite vislumbrar sua latente atividade estética. Em “Nordestinas”, de Ricardo Ramos, há a necessidade de associação de idéias e compreensão do jogo de vocábulos e conceitos que envolvem as contradições humanas, pois, numa leitura inicial e aligeirada da crônica, o que identificamos como corriqueiro, pelo modo de representação e conteúdo representado, parece atingir sem dificuldade o imaginário comum, mas também franqueia e/ou desvenda uma infinidade de acepções, questionamentos, incertezas e juízos sobre o mundo, realçando o que inicialmente identificamos como trivial. Tem-se, então, um texto que “parece ser”, uma vez que o não-dito, mas apreendido pelos sentidos numa leitura mais atenta, tem muito mais força de representação do que o dito. A discussão igualmente perpassa pelo aparente tom de gratuidade que a crônica parece carregar e o alto índice de multissignificação que apresenta as cenas de “Nordestinas” que, como veremos, parte de aspectos do cotidiano, mas estende-se para um modo especial e distinto de percepção da realidade pelo seu caráter de manipulação imagética das cenas.

Para sistematizar as discussões propostas, uma vez que, como já informamos, este texto é um desdobramento de uma discussão mais ampla já empreendida em outro escrito nosso, fizemos um recorte e não utilizaremos, portanto, toda a crônica como objeto de análise. Tomaremos apenas uma das cenas que compõe a crônica, que é dividida em cinco partes. Assim, sendo, transcrevemos abaixo, na íntegra a cena que utilizaremos para reflexão.

Uma baleia, danada de assassina, descia as praias arrasando tudo. Acabando com povoado, plantação. Entrando pelos canais, subindo rios, desgraçando tudo. Aí um retirante, amarelinho, movidinho, mas porém bom de laço, esperou ela e disse é aqui. A bicha apontou, fazendo repuxo, e ele nem rosa. A diaba já tinha engolido pra mais de dez canaviais, tibungava e surgia arrotando melado. Então ele mandou o laço, amarrou, sujigou e prendeu, tacou atarraxada uma torneira lá nela, e ficou rico. Até hoje está vendendo caldo de cana na beira da lagoa (RAMOS, 1985).

Apesar de ser a cena mais curta entre as cinco que compõe a crônica, ela foi eleita porque carrega em si uma grande quantidade de imagens e está situada exatamente no meio da crônica. Vale destacar também que todas as demais cenas possuem diálogos e esta é a única que surge sem a intervenção do diálogo de uma personagem. Nela, o narrador concretiza um aparente tom de gratuidade que a crônica parece carregar, “do ar de coisa sem necessidade que costuma assumir” e dos assuntos e da “composição aparentemente solta”, como destaca Candido (1992, p. 13-14).

[...] ela se ajusta à sensibilidade de todo dia. Principalmente porque elabora uma linguagem que fala de perto ao nosso modo de ser mais natural. Na sua despreensão, humaniza; e esta humanização lhe permite, como compensação sorrateira, recuperar com a outra mão uma profundidade de significado e um certo acabamento de forma, que de repente podem fazer dela uma inesperada embora discreta candidata à perfeição.

Para efeito de sistematização e a partir das colocações de Candido, é bom lembrar que todas as cenas que compõem a crônica exercitam esta “sensibilidade de todo dia”, pois efetivam um jogo sucessivo de imagens que, de maneira similar ao chiste, à piada, à anedota desembocam num tipo inusitado de situação facilmente identificável pelo leitor. Na primeira e segunda cenas, o narrador captura um instante na vida de duas personagens que dialogam entre si. Na quarta cena, num tom irônico, o narrador revela a degradação humana e na última cena um certo tom pitoresco assume o texto. Aparentemente, as cenas resgatam o banal, o corriqueiro da vida em sociedade, mas numa leitura mais atenta todo o padecimento físico e espiritual do homem nordestino se apresenta com muita intensidade. O cotidiano ganha muito em significação e assume uma esfera de representações que vai muito além do aparentemente dado a entender. Retomemos então a terceira cena, pois nela

podemos identificar ao mesmo tempo as aflições e as agruras de habitantes de outras regiões que se dirigem à capital em busca de uma melhor expectativa de vida e que dividem um ambiente carregado de valores, coragem, resistência, virtudes, ousadias e paciência combinados, de modo particular do habitante do Nordeste do país.

A cena agrega uma série de metáforas e traz na própria estrutura toda a gama de características que evidenciam o estilo de Ricardo Ramos. Do ponto de vista do modo de representação cabe ressaltar a poeticidade e a celeridade da narração que dá vivacidade ao narrado. Além disso, ressalte-se a seleção de vocábulos e a não obediência às regras gramaticais com uma nítida função na concepção do texto. As frases são curtas, diretas e concretizam uma tensão que redundará num embate entre dois ambientes: o citadino (da capital paulista, por conseguinte, já que a crônica é publicada em um jornal de São Paulo) e o do migrante nordestino, representado pela seleção de vocábulos e anunciada no próprio título da crônica.

A “baleia”, portanto, pode ser vista no todo da crônica como uma metáfora das grandes cidades que recebe o migrante e, não raras vezes, acaba “arrasando” o conjunto de qualidades que definem a personalidade do ser humano. A qualidade essencial de uma pessoa, aquilo que dá sua identidade, seu caráter, sua originalidade parece estar representado na figura do “retirante, amarelinho, movidinho” que espera a “baleia” – leia-se a nova realidade a que é subjugado nas capitais – e procura dominá-la: “A diaba já tinha engolido pra mais de dez canaviais, tibungava e surgia arrotando melado. Então ele mandou o laço, amarrou, sujigou e prendeu, tacou atarraxada uma torneira lá nela, e ficou rico” (RAMOS, 1985). Pode-se perceber, ainda, que esse retirante é caracterizado como forte, de personalidade: “A bicha apontou, fazendo repuxo, e ele nem rosa”. Some-se a isso, a destacada oralidade das frases que reúnem em si toda uma acepção sobre esse retirante que vence os obstáculos. Ele é o “sobrevivente” que domina a natureza, porque conhece de perto a falta de água e de alimentos do seu local de origem. Na cidade, ele atarraxa “uma torneira lá nela” – de modo direto, represa as águas, portanto, mas de modo figurado é obrigado a vencer as adversidades que o novo ambiente lhe impõe – e só assim fica rico. Neste caso, temos mais uma imagem: a riqueza do retirante, é claro, não é financeira, mas sim o fato de ter à disposição um de seus maiores anseios: a água e a dignidade em novas terras. Lembremo-nos aqui, para finalizar, que essas reflexões são possíveis uma vez que a crônica é publicada, conforme já dito, justamente num jornal da capital. É como se as “Nordestinas” invadissem a capital, ou melhor, o mundo particular do nordestino tivesse cada vez mais presente no novo ambiente e, por isso, a crônica “na sua despreensão, humaniza” (CANDIDO, 1992, p. 13-14) em sentido profundo porque faz viver.

Fechamos este recorte reflexivo sobre uma das cenas que compõe “Nordestinas”, destacando o que chamamos a atenção no início. O aparentemente solto, banal, pitoresco toma uma configuração que supera em muito uma impressão inicial. Pelo modo de representação e pelo conteúdo representado, Ricardo Ramos insere o leitor num mundo bastante verossímil e, ao mesmo tempo, ambíguo, irônico e imaginativo. O resultado é um texto em que o “não-dito”, mas apreendido numa leitura mais atenta do texto, adquire muito mais força de representação do que o “oficialmente” representado. E, para concluir estas reflexões, voltamos a Lourenço Diaféria (*apud* MELO, 2003, p. 162): “A crônica descobre as pessoas no meio da multidão de leitores. Ela revela ao distinto público que atrás do botão eletrônico existe um baixinho resfriado e de nariz pingando, que assoa e vocifera”. Numa espécie de catarse, vemos na crônica muito mais que um reflexo de nós mesmos.

Devido a dificuldade de acesso à crônica em sua totalidade, uma vez que foi publicada apenas em periódico, incluímos, a seguir, o texto na íntegra. O conjunto das cenas certamente possibilita uma infinidade de novas leituras e a percepção dos meandros que constituem um texto ficcional na contemporaneidade. Neste trabalho, porém, esperamos ter dado conta de pelo menos um desses aspectos.

Nordestinas

Casa de fazenda encimando a paisagem. Da varanda, a senhora na cadeira de balanço vê o homem se aproximar. Lentamente, meio curvado, um pouco trôpego. Ela reconhece o seu mais antigo morador.

Chegando em frente, o velho pára, levanta a cabeça, tira o chapéu descobrindo os cabelos brancos e de baixo saúda:

– Bom dia, sinhá dona.

– Bom dia, como vai o senhor?

– Bem...

Ele ia agradecer o cumprimento, obrigado, mas se interrompe. Faz a pausa e continua:

– Quer dizer: bem velho, bem pobre e bem doente.

E arremeta:

– E bem pra peste. Mas nenhum deles me serve.

Os dois compadres de conversa, ao fim da tarde. Hora de reminiscências, avulsas, principalmente das boas. Assim foi que um perguntou:

– Se lembra da Teresinha?

– Lembro sim.

Demora no diálogo, eles não se apressam.

– Tem visto ela?

– Ainda outro dia.

Novo silêncio, até que:

– E como é que ela vai?

– Vistosa. Envelheceu, um tiquinho. Mais praquilo mesmo, pernuda, cadeiruda. Só que me contou tanta desgraça, mas tanta, que pelos meus cálculos já tinha morrido de fome há bem três meses.

Uma baleia, danada de assassina, descia as praias arrasando tudo. Acabando com povoado, plantação. Entrando pelos canais, subindo rios, desgraçando tudo. Aí um retirante, amarelinho, movidinho, mas porém bom de laço, esperou ela e disse é aqui. A bicha apontou, fazendo repuxo, e ele nem rosa. A diaba já tinha engolido pra mais de dez canaviais, tibungava e surgia arrotando melado. Então ele mandou o laço, amarrou, sujigou e prendeu, tacou atarraxada uma torneira lá nela, e ficou rico. Até hoje está vendendo caldo de cana na beira da lagoa.

Era um velho sargento de polícia em vésperas de reforma. Rude, bronco, recebera as divisas por antiguidade. Vinte anos na volante atrás de cangaceiro, quase outros tantos de pega-ladrão e servicinho à toa de quartel. Agora ia botar o pijama com um soldo infeliz.

Os amigos, já oficiais de tempo contado, tiveram pena dele. Afinal, o pobre havia pegado no pesado a vida inteira, até que era bom sujeito, cabeça fraca nunca foi defeito. E a família? Podia não, deviam ajudar. Procuraram o comandante, ele merecia uma promoção: passava a tenente e logo dava baixa. O superior, que igual aos outros comera da banda podre, entendeu o problema. Não apenas se interessou, resolveu na hora.

Esperando a parte, um amigo mais chegado não aguentou e falou com o sargento. Mas rodeando:

- Ora, seu Edmílson. Você aí na moita, não contou nada pra gente, hem?
- Que é que foi?
- Não sei não? A promoção, tenente!

O sargento Edmílson fez cara de surpresa, desfez se controlando, deu um sorriso sabido. Para conivente largar:

- E eu “drumo”!

Boca da noite, o vaqueiro ia tangendo gado para um curral longe. Ainda custava a chegar, porque se atrasara com uma rês desgarrada, tinha de cruzar todo aquele ermo. Foi aí que ouviu o bufo.

Só podia ser onça. Sem se virar, correu a mão pela cintura: nem revólver nem punhal. Olhou pela meia-lua em diante: nem um pé-de-pau no descampado. Apalpou-se de novo, aflito, e encontrou uma quicezinha de nada. Mas servia. Armado, voltou-se para conferir: era onça mesmo. Ali sentada, grandona, a umas vinte braças.

Deu-lhe um frio no cangote, desceu espinhaço abaixo. Estava perdido. “Valei-me, meu São José”, invocou devoto, agarrando-se com o santo humilde, trabalhador, padroeiro da boa-morte. E esperou.

A fera andou, parou novamente. Ele continuou rezando, já se preparando para a luta, mais conversando com o santo: “Meu São José, se estiver do meu lado, faça com que eu acerte de primeira. Se estiver do lado dela, faça com que me acabe logo”. E de quicé na mão, se encorajando, num rompante concluiu: “Mas se não estiver nem do meu lado nem do dela, puxe um banquinho e se assente, porque o senhor nunca viu briga de homem com onça como vai ver agora”.

(RAMOS, 1985)

Referências Bibliográficas

CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade*: estudo de história e teoria literária. São Paulo: Nacional, 1985.

_____. *et alii*. *A crônica*: o gênero, sua fixação e as transformações no Brasil. Campinas: Ed. da UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.

MELO, José Marques. *Jornalismo opinativo* – gêneros opinativos no jornalismo brasileiro. 3.ed. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003.

PINTO, Aroldo José Abreu. A crônica no contexto da *Folha da Tarde*: tradição vincada pelas pulsações urbanas. *Comunicação: Veredas* (UNIMAR), v. 01, p. 337-345, 2005.

_____. Literatura e comunicação: as “Nordestinas” na capital. In: PINTO, Aroldo José Abreu; SOUZA, Shirlene Rohr de (orgs.). *Arte e Comunicação em um mundo fungível*. São Paulo: Arte e Ciência, 2011. 176 p.

RAMOS, Ricardo. Nordestinas. *Folha da Tarde*, São Paulo, 10 jan. 1985.

ROSENFELD, Anatol. *Estrutura e Problemas da Obra Literária*. São Paulo: Perspectiva, 1976.

iAutor

Prof. Dr. Aroldo José Abreu PINTO

Universidade do Estado do Mato Grosso/UNEMAT – Campus Universitário de Alto Araguaia – Departamento de Letras. CEP 78780-000, Alto Araguaia/MT - Brasil – e-mail: aroldoabreu@uol.com.br